

O CINEMA E A MODERNIZAÇÃO DAS CIDADES

Impactos no contexto urbano de Pelotas

THE CINEMA AND THE MODERNIZATION OF CITIES
Impacts of Pelotas' urban context

Natália Toralles dos Santos Braga¹ e
Celia Helena Castro Gonsales²

Resumo

O final do século XIX e início do século XX, marcou um período de modernização das cidades e dos meios artísticos. Os estudos científicos e fotográficos avançaram consideravelmente a ponto de marcar o advento de uma nova arte: o cinema. A cidade de Pelotas, mesmo que interiorana geograficamente, se mostrava inserida nas novidades da época. Com isso, o objetivo do artigo é apresentar um material teórico que evidencie a cidade de Pelotas neste contexto de avanços científicos, artísticos e urbanísticos da virada do século. O artigo organizou-se da seguinte maneira: a modernização das cidades e o surgimento do cinema, o cinema como atividade urbana, a cinematografia pelotense e o cinema como atividade urbana em Pelotas. Constata-se que tanto a abertura das salas de cinema, quanto a produção cinematográfica local no início do século XX marcaram esse período de modernidade da cidade – refletindo na relação do cidadão com o espaço urbano.

Palavras-chave: cinema, modernidade, urbanização, produção cinematográfica, Pelotas.

Abstract

O final do século XIX e início do século XX, marcou um período de modernização das cidades e dos meios artísticos. Os estudos científicos e fotográficos avançaram consideravelmente a ponto de marcar o advento de uma nova arte: o cinema. A cidade de Pelotas, mesmo que interiorana geograficamente, se mostrava inserida nas novidades da época. Com isso, o objetivo do artigo é apresentar um material teórico que evidencie a cidade de Pelotas neste contexto de avanços científicos, artísticos e urbanísticos da virada do século. O artigo organizou-se da seguinte maneira: a modernização das cidades e o surgimento do cinema, o cinema como atividade urbana, a cinematografia pelotense e o cinema como atividade urbana em Pelotas. Constata-se que tanto a abertura das salas de cinema, quanto a produção cinematográfica local no início do século XX marcaram esse período de modernidade da cidade – refletindo na relação do cidadão com o espaço urbano.

Keywords: cinema, modernization, urbanization, cinematography production, Pelotas.

Contextualização histórica

O período referente ao final do século XIX e início do século XX foi marcado pelo advento do movimento moderno refletido, principalmente, na estrutura das cidades e nos meios artísticos. Segundo Segawa (2018), o Brasil adentrava o século XX afirmando a cidade como palco do moderno, apostando na ciência e na técnica como instrumentos de progresso para o país, nos moldes do desenvolvimento industrial europeu.

A rápida urbanização que transformava grande parte do mundo ocidental não tinha precedentes, resultando em uma crescente industrialização, juntamente com o êxodo rural em massa e com o incentivo a novas formas de comportamentos sociais (COHEN, 2013). O espírito de mudança de século colocava em oposição uma cultura do século XIX, de uma sociedade colonial rural, com a modernidade do século XX, de uma sociedade industrial e urbana (NETO, 2001). O anseio por mudança era visível: a elite urbana – progressista, positivista – entrava em contraponto com a sociedade tradicional – agrária, conservadora (SEGAWA, 2018).

Soares (2001) afirma que a cidade de Pelotas na década de 1880 era o centro de uma região produtiva com destaque nos fluxos internacionais de circulação de capital. O autor ainda indica que, nesse período, a cidade recebeu muitas inovações da época como a ferrovia, o telefone, a indústria, quase simultaneamente à expansão mundial dessas tecnologias, enquanto que a estrutura social transformava-se lentamente de uma sociedade escravista em uma sociedade capitalista.

Já o cinema surgiu como uma nova manifestação artística, descendente direta da fotografia, do teatro, da literatura e das artes plásticas, influenciando na abertura de um enorme leque de práticas sociais, que passaram a impactar diretamente no cotidiano das cidades (ZANELLA, 2006). O processo de exibição de filmes iniciou entre os anos de 1893 – quando o empresário e inventor Thomas Edison registrou a patente de um novo equipamento que dava movimento a imagens – e 1895 – quando os irmãos Lumière realizaram, em Paris, a projeção pública de filmes através de um equipamento aperfeiçoado (COSTA, 2006). Segundo Neto (2001), os cinemas, desde suas primeiras implantações, impuseram-se como marco e referencial urbano nas grandes cidades.

Como parte de uma dissertação de mestrado que pretende investigar a arquitetura de cinema, sua tipologia, linguagem e inserção no tecido urbano, este estudo se deteve em analisar a relação das salas de cinema com a modernização das cidades. O objetivo principal do trabalho é desenvolver um material teórico que investigue a inserção da cidade de Pelotas neste contexto histórico de avanços científicos, artísticos e urbanísticos do final do século XIX e início do século XX, e a presença – e consolidação – das salas de cinema de calçada³ da cidade. A contribuição esperada com desenvolvimento deste estudo é buscar um maior conhecimento a respeito da relação dos cinemas com os espaços públicos.

Etapas metodológicas do estudo

O estudo foi dividido em cinco etapas metodológicas: 1) revisão da literatura do recorte temporal referente ao final do século XIX e início do século XX; 2) contextualização da história do cinema inserida no recorte analisado; 3) análise do cinema em Pelotas; 4)

1 Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPEL/2020).

2 Doutora em Arquitetura pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidad Politécnica de Cataluña (2000).

3 Cinemas de calçada eram espaços que tinham um endereço que remetia a uma rua da cidade, a partir de uma experiência *de calçada* do encontro que era privilegiado por um desenho específico da cidade e, no geral, exibiam apenas um filme por vez (ROSA, 2013).

levantamento dos espaços de projeção da cidade de Pelotas, seus endereços, suas datas de inauguração e de encerramento das atividades e 5) investigação das salas de cinema da cidade e suas relações com o espaço público.

O recorte temporal – final do século XIX e início do século XX – refere-se ao período que sucedeu à Revolução Industrial, marcado por processos de modernização das cidades, por novas formas de fazer e de pensar arquitetura, por avanços nos estudos científicos no ramo da fotografia e por novas descobertas artísticas. Para esta etapa, foram adotadas as seguintes referências bibliográficas: Curtis (2008) e sua obra *Arquitetura moderna desde 1900* e Segawa (2018) *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*.

O cinema, neste contexto, estava surgindo, decorrente dos avanços nos estudos fotográficos. Pouco tempo depois, se tornava um divertimento popular e, com o passar dos anos, se consolidou no mercado, exercendo um importante papel na indústria do entretenimento. Para o desenvolvimento deste tópico, foi adotada a obra de Carvalhaes (1975) intitulada *Curso Básico De História Do Cinema*.

Pelotas, uma cidade que, mesmo interiorana geograficamente, se mostrava cosmopolita nos assuntos referentes à modernização da virada de século. O cinema esteve presente na cidade quase que simultaneamente às grandes metrópoles da época. Fato esse que marcou um dos mais importantes ciclos de produção cinematográfica do país no início do século XX. Utilizou-se a obra *Francisco Santos: pioneiro no cinema do Brasil* de Santos e Caldas (1995).

Essa questão foi refletida também na abertura de muitos espaços de projeção na cidade. Essas informações foram coletadas e organizadas com base nos seus endereços, datas de inauguração e de encerramento das atividades dessas salas de cinema. Para esta etapa, foram utilizados os periódicos da época, o volume 2 do Almanaque do Bicentário de Pelotas e demais publicações acadêmicas e não acadêmicas que retratassem desse assunto.

Através dos endereços encontrados, foi possível localizar os cinemas de calçada que existiram no mapa da cidade de Pelotas. E assim iniciar uma reflexão acerca da relação desses lugares com o espaço público, os lugares de maior concentração dessas salas e também a presença desse tipo de entretenimento nos demais bairros da cidade.

A modernização das cidades e o surgimento do cinema

O Brasil adentrava o século XX e a cidade afirmava-se como palco do moderno, tendo como referência a organização, as atividades e o modo de viver europeu. Os profissionais da construção eram os agentes dessa modernização – ciência e técnica como os instrumentos de progresso no país – vislumbrando, na industrialização, um objetivo nacional a ser atingido (SEGAWA, 2018). Curtis (2008) afirma que a industrialização transformou os próprios estilos de vida no campo e na cidade e levou à proliferação de novas tarefas para a construção de estações ferroviárias e arranha-céus. O autor ainda aponta que fatores como a máquina a vapor, a concentração de capital, a transposição da mão-de-obra do campo para a cidade e a abertura de linhas de comércio e comunicação transformaram a paisagem cultural em um curto período de tempo.

À medida que as cidades se expandiam, elas passavam a ser equipadas com redes de comunicação e serviços públicos, e necessitavam de novos tipos de edificações e de reformas urbanas. No decorrer da última década do século XIX, essas reformas começaram a acontecer, principalmente no campo da moradia, do transporte, da

higiene, educação e lazer (COHEN, 2013).

Foram adotados como “modelos”, os princípios propostos para a transformação das cidades de Berlim, Paris e Viena – os “princípios artísticos” reproduziam o modelo *Beaux-Arts* ampliado para a escala de grandes composições urbanas – foram aplicados por todo continente europeu e também foi difundido nos países da América Latina, como a Argentina e o Brasil (COHEN, 2013). Segawa (2018), afirma que as cidades brasileiras, nesse contexto, apresentavam intervenções modernizadoras nas suas infraestruturas – principalmente nas questões sanitárias – à maneira das metrópoles oitocentistas europeias. Na cidade de Pelotas, o processo de implantação das novas infraestruturas e das leis de saneamento também apresentou semelhanças com o realizado nas cidades europeias (SOARES, 2001).

Essa modernização também atingiu os meios artísticos. O avanço nas pesquisas no ramo da fotografia marcaram o final do século XIX, principalmente por causa dos estudos desenvolvidos pelos fotógrafos Etienne Jules Marey e Eadweard James Muybridge, responsáveis por registrar as fases do movimento em uma única superfície fotográfica (CARVALHAES, 1975) e pelo astrônomo Pierre Jules César Janssen (SANZ, 2014).

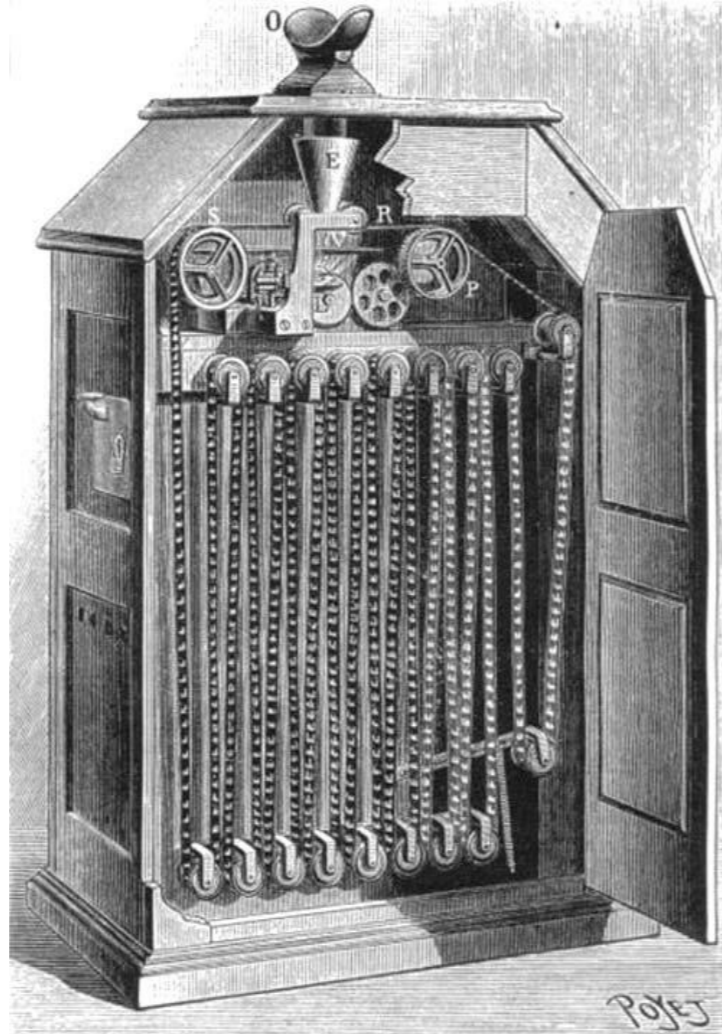
Em 1881, Marey apresentou à Academia de Ciências de Paris um aparelho inspirado no revólver fotográfico inventado por Janssen em 1874, mais rápido e mais compacto, capaz de fixar 12 fotos em intervalos de 720 avos de segundo. Segundo Sanz (2014), o dispositivo, chamado de *fuzil fotográfico*, articulava as soluções técnicas providas por Janssen à pesquisa fotográfica acerca das fases do movimento dos animais, realizada por Muybridge. Assim, surgiu a cronofotografia, capaz de fixar, sem perda de nitidez ou legibilidade, um instante de movimento (DOANE, 2002).

Segundo Costa (2006), os estudos de Marey influenciaram o empresário e inventor Thomas Edison a delegar um grupo de técnicos para avançar no desenvolvendo de um aparelho intitulado *kinetoscópio* (Figura 1), no ano de 1889. Em 1893, Edison filmou uma série de pequenos filmes perfurados em 35 milímetros (bitola que se tornaria padrão) em seu estúdio em Nova Jersey, nos Estados Unidos. Esses filmes foram reproduzidos no interior dos kinetoscópios, onde só podiam ser visualizados individualmente (CARVALHAES, 1975). Com isso, pode-se afirmar que a história do cinema está atrelada, principalmente, ao avanço nas pesquisas com imagens fotográficas.,

August e Louis Lumière são considerados os pais do cinema por criarem mecanismos aperfeiçoados para deslocar o filme na máquina, inspirado no dispositivo de encadeamento da máquina de costura. No dia 28 de dezembro de 1895, os irmãos Auguste e Louis Lumière apresentaram uma série de filmagens no subsolo do Grand Café, em Paris, para um público de 35 pessoas e esta data ficou conhecida como o nascimento do cinema, uma das obras apresentadas foi *A Chegada de um Trem à Estação de La Ciotat* a qual assustou a plateia quando a locomotiva avançava para o primeiro plano. (CARVALHAES, 1975).

Os aparelhos projetores, nos mais diversos lugares do mundo, eram exibidos em demonstrações nos círculos de cientistas ou em espetáculos vinculados a circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades ou espetáculos de variedades (COSTA, 2006). Segundo Gomes (1979), os aparelhos de projeção exibidos ao público europeu e americano no inverno de 1895-1896 começaram a chegar ao Rio de Janeiro em meio deste último ano.

Souza (2007) informa que, em junho de 1898, Afonso Segreto, ao regressar de uma de suas viagens comerciais, trouxe um câmera de filmar responsável pela primeira



filmagem em solo brasileiro. As imagens apresentavam vistas da baía de Guanabara da cidade do Rio de Janeiro e, a partir deste momento, grande parte dos acontecimentos políticos e populares cariocas passaram a ser registrados.

Entre os anos de 1902 e 1906, a cidade foi marcada por obras de transformações urbanas que incluíam a abertura da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), a demolição de diversos sobrados e a construção da Praça Floriano. No entorno da Praça Floriano foram inaugurados importantes edifícios públicos, como a Biblioteca Nacional, o Superior Tribunal Federal e a Escola Nacional de Belas Artes, com destaque para os prédios do Cine Pathé-Palace e do Cinema Odeon (SANTOS, 2015).

O cinema como atividade urbana

Segundo Gomes (1979), durante os dez primeiros anos do cinema, essa arte ficou estagnada no Brasil, tanto como atividade comercial de exibição de filmes, quanto como produção local, principalmente devido à insuficiência de energia elétrica no país. O autor aponta que, só a partir de 1907, quando a energia elétrica passou a ser produzida em escala industrial na cidade do Rio de Janeiro, que então o comércio cinematográfico floresceu, resultando na abertura de dezenas de salas na até então capital do país, além de marcar o início da produção cinematográfica do país. No ano de 1907 foram instalados mais de 20 cinematógrafos em diversos espaços de entretenimento na capital carioca e a distribuição regular de eletricidade foi um dado fundamental para o estabelecimento de salas fixas não só no Rio de Janeiro, mas também em todo o Brasil (SOUZA, 2007).

Curtis (2008) aponta que a mobilidade também foi uma das chaves para o novo tipo de cidade e que a circulação impactou nas formas das cidades, alterando, principalmente, as relações das edificações com as paisagens urbanas. A rápida popularização do

automóvel e a implantação dos metrô induziram uma visão da cidade como uma grande *máquina para circular* (COHEN, 2013). A modernização e o crescimento das grandes cidades brasileiras se fez também pela construção de grandes salas de cinema nos centros urbanos, que representam monumentos significativos para a vida social nessas cidades (NETO, 2001).

Zanella (2006) aponta que, até a metade do século XX, os cine-teatros da capital gaúcha cumpriram o papel social de ponto de encontro dos habitantes da cidade, quando exibiam peças de teatros, atrações musicais e programas de auditório, além de filmes. O autor ainda fala que, como espaços de relações sociais, os cinemas, desde seus primórdios, cumprem papel aglutinador da população e formador da identidade cultural e urbana dos habitantes das cidades. Em Porto Alegre, as salas de cinema expandiram-se, nos anos de 1910 e 1920, para os bairros mais distantes por seguirem a linha dos bondes, cobrindo uma maior área geográfica e fazendo crescer o número de espectadores (ZANELLA, 2006). Em Pelotas, a primeira linha de bondes elétricos foi inaugurada no dia 20 de outubro de 1915 (OLIVEIRA, 1998). O trajeto construído possuía três quilômetros e passava pelas ruas Quinze de Novembro, Sete de Abril, Vieira Pimenta, até a usina elétrica, na Praça da Constituição. Chegando a transportar 184.584 pessoas até 31 de dezembro de 1915 (OLIVEIRA, 1998).

A cinematografia pelotense

Essa modernidade também foi refletida no papel do cinema na cidade pelotense. O primeiro contato dos moradores da cidade com as imagens em movimento foi dado por meio do aparelho desenvolvido por Thomas Edison em uma projeção no dia 26 de novembro de 1896, no salão da Bibliotheca Pública Pelotense (SANTOS, 2014). Ao analisar a produção cinematográfica no Rio Grande do Sul, Cássio dos Santos Tomaim (2011) destaca a produção de filmes na cidade de Pelotas no início do século XX como um dos mais importantes ciclos regionais do cinema brasileiro. O autor justifica essa afirmação informando que esse reconhecimento deve-se ao cineasta português Francisco Santos que, em 1913, despertou a produção de longas-metragens de ficção no cinema gaúcho. Na época, era noticiado nos jornais:

Como se explica que aqui, numa cidade interiorana de um estado sem tradição cinematográfica pudesse ter surgido quase como que um surto na criação de filmes? Pelotas nunca mais conheceu trabalho semelhante na produção de cinema. Nos anos 20 volta-se a produzir com certa intensidade no centro do país, enquanto no Sul jamais o cinema vai tomar impulso ou repetir a façanha de Francisco Santos (Diário Popular, 1º de janeiro de 1913 apud SANTOS; CALDAS, 1995, p. 36).

No ano de 1913, Francisco Santos, em parceria com Francisco Xavier, alugou uma edificação localizada na Rua Marechal Deodoro, nº 495, para a instalação de uma fábrica de fitas (SANTOS; CALDAS, 1995). Com o nome Guarany Films, a produtora iniciou os trabalhos com o intuito de fazer serviços publicitários, realizando filmagens do carnaval e das homenagens a Carlos Barbosa – então presidente do Estado. Também eram divulgadas pela empresa imagens panorâmicas da cidade e imagens de partidas de futebol (SANTOS; CALDAS, 1995). Com o tempo, Francisco Santos passou a escrever, produzir, dirigir, filmar e interpretar suas obras, adentrando no cinema de ficção e documental através das obras *O crime dos Banhado*, *Álbum Maldito* e a comédia *Os Óculos do Vovô* (GOMES, 1979).

Considerada por muitos como a obra cinematográfica de ficção mais antiga do Brasil com imagens preservadas (LANGIE, 2013), *Os Óculos do Vovô* (1913) trata-se da



história de um menino que pinta os óculos do avô, que está dormindo, de preto e o avô, ao acordar, acredita estar cego. É um curta-metragem mudo, de 35mm, que originalmente durava 15 minutos, porém, apenas alguns fragmentos do filme foram encontrados e restaurados – através do projeto *Resgate do Cinema Silencioso Brasileiro*, da Cinemateca Brasileira – resultando em um material com 4 minutos e 34 segundos de duração.

Observa-se que, através da obra, é possível analisar diferentes ambiências da época em que o filme foi rodado. As cenas internas foram filmadas na sede da Guarany Films. As externas foram feitas parte na Guarany e parte no Parque Souza Soares. Tanto nas tomadas externas quanto internas, nota-se a presença de elementos que marcaram o período em que a obra foi rodada, que atuaram como parte da cenografia ou como objetos importantes para a trama (Figuras 2 e 3).

Mesmo com uma situação financeira favorável, a Guarany encerrou suas atividades pouco tempo depois, indicando como possível causa a eclosão da Primeira Guerra Mundial, período no qual o país foi impedido de receber as cargas de filmes virgens exportados pela França (SANTOS; CALDAS, 1995).

O cinema como atividade urbana em Pelotas

Apesar de todos os problemas que assolam o Brasil no ano de 1914 – decorrente da crise mundialmente com a Primeira Guerra Mundial – a cidade de Pelotas vai transpondo barreiras e mostrando seu crescimento em diversos pontos como, por exemplo, no desenvolvimento das redes de abastecimento de água e de esgoto (OLIVEIRA, 1998). As medidas de infraestruturas e leis de saneamento adotadas indicavam que, nas primeiras décadas do século XX, mesmo no extremo sul do Rio Grande do Sul, era possível visualizar elementos da modernidade urbana implantadas nos grandes centros



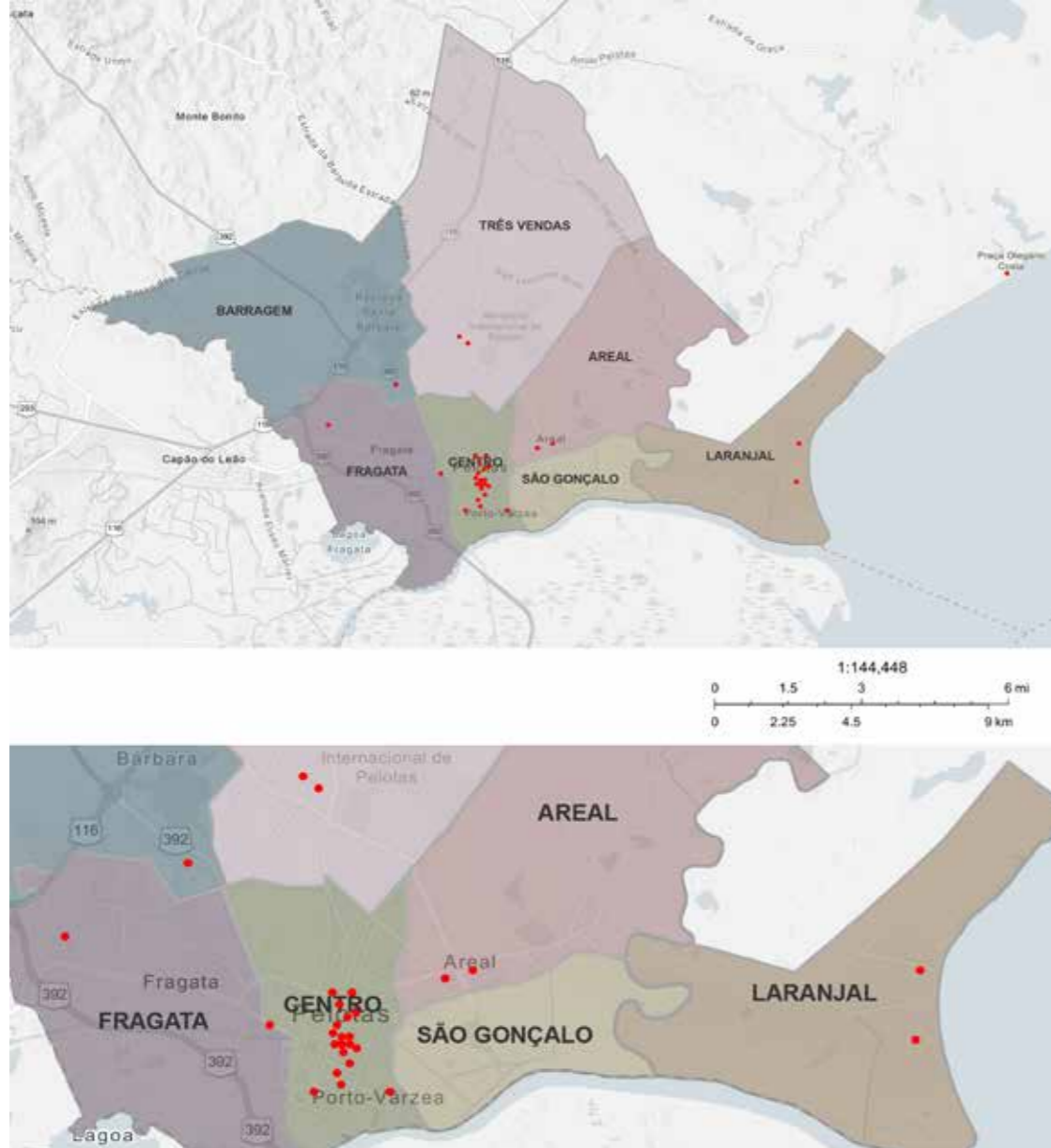
mundiais (SOARES, 2001). Segundo Oliveira (1998), foi aprovado um regulamento sobre instalações elétricas domiciliares, além de serem prosseguidos os trabalhos de construção de linhas, usina e pavilhões dos bondes e da remodelação das praças e avenidas da cidade.

Instavam-se, em Pelotas, restaurantes, correarias, alfaiatarias, moinhos, ferrearias, fábricas de produtos químicos, cinematógrafos, cafés e outros comércios. A cidade também contava com outras novidades como gasômetro, hidráulica, teatro, hotel, telégrafo, cervejarias, bancos, telefones, clubes sociais e estação ferroviária (OLIVEIRA, 1998). Michelin (2014), aponta que a preocupação com o serviço de energia elétrica pelas intendências locais deveu-se às funções exercidas na cidade, tais como: iluminação pública, particular, e transporte urbano, visto que próprio cidadão passou a exigir novas formas de energia, incrementadas, de fato, a partir da década de 1920.

A popularização do cinema em Pelotas foi refletida também na abertura de muitos cinemas de calçada. No dia 15 de agosto de 1909, foi inaugurada a primeira sala de projeção da cidade pelotense: o Cine Éden Salão, localizado na rua Marechal Floriano, propriedade dos irmãos Nicolau e Humberto Petrelli (SANTOS, 2014). A partir da primeira década do século XX, a cidade assumiu um caráter ainda mais cosmopolita, promovendo a construção de mais oito cinemas, três teatros, um cassino, quatro bancos e um hotel de luxo (MOURA, 1998).

Até o atual momento do estudo, foram listadas 43 salas de cinema que existiram na cidade entre os anos de 1901 e 2021. Dos cinemas encontrados, foi possível listar o endereço de 33 deles, pontuados no mapa apresentado na Figura 4.

Percebe-se, com base nas salas de cinema levantadas cujos endereços foram encontrados, que a concentração desses espaços sempre se manteve no centro da



cidade de Pelotas. No entanto, segundo a demarcação feita no mapa apresentado, pode-se perceber que já existiram cinemas nas demais zonas administrativas da cidade, mesmo que em menor quantidade quando comparadas à zona central.

Considerações finais

O final do século XIX e o início do século XX foi marcado pelo surgimento do movimento moderno e pela necessidade de reinventar os mais diversos campos da sociedade, principalmente os meios artísticos e urbanísticos. Buscando analisar a relação da modernização das cidades com a consolidação do cinema e de suas salas de projeção, esse estudo foi dividido em três etapas de investigação: a modernização das cidades e o surgimento do cinema; o cinema como atividade urbana e o cinema como atividade urbana em Pelotas.

Foi possível observar que, ao mesmo tempo em que as cidades passavam por reformas urbanísticas relacionadas a questões sanitárias e de mobilidade urbana, o cinema ainda se consolidava como arte e tornava-se popular. A sala de cinema, um espaço público restrito e a sua extensão, a calçada, um espaço coletivo verdadeiramente público, se complementavam e permitiam a concretização das relações sociais permitindo que o habitante da urbe se consolidasse como cidadão.

Essa popularização do cinema, principalmente na cidade de Pelotas, foi refletida na produção significativa de conteúdo cinematográfico no início do século XX e na abertura de muitas salas de projeção nas décadas seguintes. Tanto a abertura das salas de cinema, quanto a produção cinematográfica local no início do século XX atuaram como importantes instrumentos modernidade – que de alguma maneira se espalhavam pela cidade por representarem um modo de relação entre cidadão e espaço urbano.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

CARVALHAES, A.C. *Curso Básico De História Do Cinema*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado: Clube de Cinema de Porto Alegre, 1975.

COHEN, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889: Uma história mundial*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 528 pp., 594 il.

COSTA, F. C. Primeiro cinema. In: MASCARELLO, F. (Org.). *História do cinema mundial*. Campinas: Papyrus, 2006. p. 17-54.

CURTIS, William. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

DOANE, M. *The emergence of cinematic time: modernity, contingency, the archive*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema, Trajetória no Subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

LANGIE, Cíntia. Francisco Santos 100 anos depois. *Orson - Revista dos Cursos de Cinema do Cearte UFPEL*. Pelotas, v.web, p.1-5, 2013.

NETO, Olavo Amaro da Silveira. *Cinemas de rua em Porto Alegre – do Recreio Ideal (1908) ao Açores (1974)*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado/Faculdade de Arquitetura da UFRGS, 2001.

OLIVEIRA, Leni Dittgen de. *O início e o fim da ferro carril e cais de Pelotas: o caso dos bondes na noite de 14 de dezembro de 1914*. Pelotas: Ed. da UFPel, 1998. 74p.:il.

ROSA, Guilherme Carvalho da. *Os cinemas de calçada e a modernidade periférica: um olhar sobre o Cine Capitólio em Pelotas*. *Orson - Revista dos Cursos de Cinema do Cearte UFPEL*, v. 1, p. 29-42, 2013.

SANTOS, Klécio. O Reino Das Sombras Palcos, Salões E O Cinema Em Pelotas (1896-1970). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. v.2: Arte e Cultura. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014.

SANTOS, Yolanda Lhullier dos; CALDAS, Pedro Henrique. *Francisco Santos: pioneiro no cinema do Brasil*. Pelotas: Semeador, 1995.

SANZ, Cláudia Linhares. *Entre o tempo perdido e o instante: cronofotografia, ciência e temporalidade moderna*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 9, n. 2, p. 443-462, maio-ago. 2014.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento em Pelotas nas primeiras décadas do século XX. *Pelotas: História em Revista*. (UFPEL) V.7, Dez. 2001. (p. 65-92).

SOUZA, Carlos Roberto de. Os Pioneiros do Cinema Brasileiro: Raízes do cinema brasileiro. *Alceu*, v.8, n.15, p. 20-37. jul./dez, 2007.

TOMAIM, Cássio dos Santos. Os estudos de cinema no Rio Grande do Sul: trajetórias e desafios. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, v.18, n.1, p.55-71, jan./abr. 2011.

VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. *Novos Domínios da História*. Organizadores: Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio Grande: Elsevier, 2012.

ZANELLA, Cristiano. *The end: cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005)*. Porto Alegre: Ideias a Granel, 2006. 192p.